

Terra queimada: portfólio do incêndio de Pedrogão Grande, Castanheira de Pera e Figueiró dos Vinhos

Carlos Nolasco (cmsnolasco@gmail.com)

29, setembro de 2017

Os incêndios florestais banalizaram-se na sociedade portuguesa. Todos os anos, com a chegada do tempo quente, começam os incêndios. Primeiro são insignificantes, depois, em crescendo, intensificam-se em quantidade e tamanho até chegar agosto e as notícias de incêndios de grandes dimensões serem quotidianas. Posteriormente, a intensidade dos fogos esmorece até deixarem de existir. Com *timings* precisos, este ciclo repete-se todos os anos, sendo para o efeito ativado um Dispositivo Especial de Combate a Incêndios Florestais¹ que se mobilizará em conformidade com a gravidade e a probabilidade de ocorrências. Os

números que ilustram esta realidade² são eloquentes da dimensão da mesma: em média, nos últimos 10 anos verificaram-se 14.298 ocorrências, das quais resultaram 75.875 hectares de área ardida em espaços florestais; entre 1 de janeiro e 15 de setembro de 2017 verificaram-se 13.346 ocorrências, das quais resultaram 209.678 hectares de área ardida; a área ardida em Portugal corresponde a metade da área ardida nos países do sul da Europa.³ Estes valores são a expressão dos incêndios florestais em Portugal, cuja recorrência no quotidiano das comunidades, bem como a banalização dos discursos comuns,

¹ Em 2017, o Dispositivo Especial de Combate a Incêndios Florestais foi determinado pela Diretiva Operacional Nacional N.º 2 [Disponível em http://www.prociv.pt/pt-pt/PROTECAOCIVIL/LEGISLACAONORMATIVOS/OUTROSFORMATIVOSDIRETIVAS/Documents/DON_2_DECIF_2017.pdf, acesso em 4 de agosto de 2017].

² Dados do Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas, disponível em <http://www.icnf.pt/portal/florestas/dfci/Resource/doc/rel/2017/7-rel-prov-1jan-15set-2017v2.pdf>, acesso em 25 de setembro de 2017.

³ Dados da Agência Europeia do Ambiente, disponível em <https://www.eea.europa.eu/data-and-maps/indicators/forest-fire-danger-2/assessment>, acesso em 25 de setembro de 2017.

contribuem para a naturalização de um fenómeno de elevado risco natural e social.

O incêndio que deflagrou em Escalos Fundeiros, concelho de Pedrogão Grande, no dia 17 de junho de 2017, era para ser mais um desses incêndios comuns que se extingue na espuma dos dias. Ao início da noite, a comunicação social começou a noticiá-lo. O telejornal das 20 horas, na RTP,⁴ iniciava-se com a notícia desse incêndio que deflagrara depois das 14 horas, ameaçara várias casas, provocara momentos de pânico e que era combatido por um contingente significativo de operacionais e meios. Depois, seguiram-se as notícias de dois incêndios em Loures. De seguida, uma jornalista entrou em direto desde a IC8 para novamente dar conta da intensidade do incêndio em Pedrogão Grande. Depois, o noticiário seguiu com a referência ao jogo de futebol da Seleção Portuguesa na Taça das Confederações. Este que viria a ser o maior incêndio de sempre em Portugal, com mais área ardida, mais dramático e mais mediatizado, precisamente no momento de maior violência era então noticiado como mais um incêndio num banal dia quente de quase Verão.

⁴ Disponível em <https://www.rtp.pt/play/p3023/e293985/telejornal>, acesso em 6 de setembro de 2017.

⁵ Disponível em <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2017-06-17-Secretario-de-Estado-Tres-pessoas-morreram-por-inalacao-de-fumo-na-via-publica-e-16-dentro-das-viaturas>, acesso em 6 de setembro de 2017.

⁶ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=o9FqJ_6Q-ol, acesso em 6 de setembro de 2017.

Noite adentro a comoção: às 23h40 o secretário de Estado da Administração Interna, Jorge Gomes, faz um primeiro balanço do incêndio dando conta de 19 mortos e vários feridos.⁵ Desde Lisboa, o Primeiro-ministro António Costa afirma que esta é seguramente a maior tragédia em vidas humanas ocorrida em Portugal.⁶ O Presidente de República chega algum tempo depois ao posto de comando dos bombeiros em Pedrogão Grande, e o abraço comocionado com o Secretário de Estado é sintomático da dimensão da tragédia.⁷ A Ministra da Administração Interna, Constança Urbano de Sousa, entretanto chegada ao teatro de operações, fala numa tragédia muito grande e que o momento é de pesar.⁸ O Presidente da Câmara de Pedrogão Grande afirma que o número de mortos irá seguramente duplicar.⁹ E, efetivamente, ao longo do dia 18 de junho, perante a estupefação de todos, a contabilização do número de vítimas mortais foi aumentando até chegar às 64. Este incêndio, que começou por ser de Pedrogão Grande e se tornou também de Figueiró dos Vinhos e Castanheira de Pera, nos dias seguintes continuou a consumir território, até ser dado por extinto cinco dias depois de ter deflagrado. Às 16h33 do dia 21 de junho,

⁷ Disponível em <http://sicnoticias.sapo.pt/fb-instant-articles/2017-06-18-Marcelo-emocionado-na-chegada-a-Pedrogao-Grande>, acesso em 6 de setembro de 2017

⁸ Disponível em <http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/tragedia-em-pedrogao-grande/2017-06-18-Ministra-da-Administracao-Interna-fala-em-momento-de-dor-e- pesar>, acesso em 6 de setembro de 2017.

⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TOLeHL7emz8>, acesso em 6 de setembro de 2017.

o Comandante operacional da Proteção Civil anunciou que o incêndio estava dominado.

No âmbito do *Projeto de ciência solidária sobre o incêndio de Pedrógão Grande*, dirigido pelo Observatório do Risco do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, desloquei-me à zona do incêndio logo no dia seguinte, para documentar fotograficamente o rasto do fogo. Assim, no dia 22 de junho, passados alguns minutos das sete horas da manhã parei o carro num desvio da estrada 236-1, junto ao local onde alguns dias antes tinham falecido pessoas. Àquela hora o silêncio era quase absoluto, havia uma neblina matinal misturada com fumo, mas o ar era respirável, apesar do cheiro a queimado. A terra estava coberta por uma camada de cinza. O constrangimento abateu-se. Afinal ali, mesmo ao lado, estavam no alcatrão as cicatrizes dos carros que se incineraram juntamente com as pessoas que neles iam. O insustentável peso do silêncio. Não havia crepitar das chamas, nem azoada, nem sirenes, nem vozes, nem pássaros, nada, apenas silêncio. Um silêncio solene.

Como se fazem fotografias nestas condições? Aparentemente será mais fácil fotografar um incêndio em atividade, porque há a intensidade das labaredas, a ação dos bombeiros, o desespero das populações, e resulta sempre a estereotipada imagem da silhueta das pessoas em oposição à luminescência das chamas. Mas naquele momento nada de transcendente se estava a passar. Já tudo tinha sucedido, restava apenas a paisagem. Uma paisagem onde cabem todos os lugares comuns: arrasada, devastada, desolada, apocalítica. Uma paisagem carregada em

tons de cinza, mas que não deixou de ser fotogénica. Os perfis das árvores queimadas contrastavam com o azul do céu, e as sombras que projetavam criavam sombras abstratas. Será por aqui que se começa a fotografar? Foi por aqui que comecei! Depois, aleatoriamente, segui por Vila Facaia, Nodeirinho, Pobrais, Barraca da Boavista, Várzea, Sarzedas... Terras martirizadas pelas chamas. Muitas casas ardidadas, sucessivas viaturas queimadas à beira da estrada. Foi isto que fui fotografando, paisagens, casas, viaturas. Não fotografei pessoas. Não tive a ousadia de as fotografar. Eticamente não me pareceu aceitável que para além da voracidade do fogo que as vitimou, do esquecimento a que a interioridade os votou, fossem agora incomodadas por um olhar voyeurista.

Fazer fotografias neste cenário, desde o meu olhar sociológico, recorda-me da afirmação de que a Sociologia é um olhar para além das fachadas, para além das evidências. Ou seja, podemos sempre concordar com as explicações dos especialistas na mecânica dos fogos, ou do comando da proteção civil, ou ainda dos políticos, de que tudo se deveu a fatores específicos: uma floresta de pinheiros e eucaliptos; a morfologia do terreno; temperaturas elevadas; trovoadas secas; fenómeno *downburst*; competência da proteção civil; cortes orçamentais do Governo. Tudo isso pode ser evidenciado, ou não, por factos que serão plasmados em relatórios. Mas essa argumentação científica, técnica, jurídica e política, encobre uma relevante dimensão de cidadania, a qual não pode ser escamoteada no momento de questionar como foi possível ter acontecido aquele número de vítimas. A sistemática banalização dos

incêndios florestais originou uma indiferença para com os espaços e as pessoas que se confrontam com as chamas. Quem vivia ou estava de passagem na zona do incêndio do dia 17 de junho, estava num território de indiferença, a sua condição cidadã era invisível ou diminuída, pelo que os seus corpos estavam expostos a um risco significativo. Esse risco objetivou-se na morte e sofrimento. A perplexidade do que ali se passou está na constatação de uma cidadania invisível, socialmente produzida pela indiferença do Estado e sociedade portuguesa para com quem vive nesses territórios. A prova dessa indiferença está nos incêndios deste mesmo Verão, na Sertã, em Góis e em Mação. Para estas povoações não

houve a onda solidária da sociedade portuguesa, nem tão pouco a intensa atenção do Estado.

As fotografias que se apresentam neste portfólio são fotografias do rasto que o incêndio deixou, de paisagens inusitadas, mas são também fotografias de um espaço de indiferença de uma cidadania invisível.



Estrada Nacional 236-1, direção Castanheira de Pera, próximo do cruzamento para Souto Fundeiro



Junto à Estrada Nacional 236-1, próximo do cruzamento para Souto Fundeiro



Junto à Estrada Nacional 236-1, próximo do cruzamento para Souto Fundeiro



Estrada Nacional 236-1, direção Figueiró dos Vinhos, próximo do cruzamento para Souto Fundeiro



Estrada CM1158, cruzamento para Vila Facaia



Nordeirino



Estrada CM1170, direção Adegã



Estrada CM1170, direção Adegã



Barraca da Boavista, junto à estrada 236-1



Barraca da Boavista



Barraca da Boavista



Barraca da Boavista



Barraca da Boavista



Várzeas



Próximo da estrada 236-1



Junto à estrada 236-1



Junto à estrada 236-1



Estrada 231-1, junto ao cruzamento para Souto Fundeiro



Floresta, próximo de Pobrais